

**DESENHO: PORQUE, COMO E O QUE ENSINAR**

Suzanne Goulart Mattos Mazzamati ( Suca Mattos Mazzamati)

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada  
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

A relato do curso Desenho: porque, como e o que ensinar, além da intenção de contar um processo de formação que teve um bom resultado, traz a vontade de incluir na reflexão pedagógica, a linguagem do desenho como uma forma de pensar. O curso Desenho: porque, como e o que ensinar direcionado a professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental em 2012, no CEVEC, em São Paulo, tinha como proposta pensar sobre a prática, os conceitos e as representações que o professor tem do desenho infantil, do desenho do adulto e do desenho na arte. Seu objetivo era oferecer ao participante a possibilidade de criar e fundamentar uma prática de ensino do desenho na sala de aula. As aulas foram organizadas em atividades de desenho, leitura de textos, apreciação da produção do grupo e de obras da história da arte, criação e análise de planejamentos. Esse relato é a tentativa de expressão de todo esse processo.

## DESENHO: PORQUE, COMO E O QUE ENSINAR

Mattos Mazzamati. Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz – Cevac

### Introdução

A idéia de relatar o curso *Desenho: porque, como e o que ensinar*, além da intenção de contar um processo de formação que teve um bom resultado, traz a vontade de incluir na reflexão pedagógica, a linguagem do desenho como a expressão de uma forma de pensar. Esse curso aconteceu no primeiro semestre de 2012 no Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz, CEVEC, e era um dos cursos de educação continuada que esta instituição promove a cada semestre do ano. O CEVEC faz parte do Instituto Superior de Educação, o ISE que fica na zona Oeste de São Paulo e que contempla quatro segmentos voltados para a educação: a graduação, a pós-graduação, a assessoria a instituições e a Revista Veras.

O curso *Desenho: porque, como e o que ensinar* se direcionava a professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental e tinha como proposta pensar sobre a prática, os conceitos e as representações que o professor tem do desenho infantil, do desenho do adulto e do desenho na arte. Seu objetivo era oferecer ao participante a possibilidade de criar e fundamentar uma prática de ensino do desenho na sala de aula. As aulas seriam organizadas em atividades de desenho, leitura de textos, apreciação da produção do grupo e de obras da história da arte, criação e análise de planejamentos.

Propor um curso voltado para a arte educação é sempre um risco de público, pois concorrer com alfabetização e matemática como as áreas mais importantes do imaginário pedagógico acarreta sempre uma batalha mais árdua a ser travada. Sendo assim tivemos um número razoável de participantes, doze alunas, entre elas duas coordenadoras pedagógicas, três especialistas em arte, as outras, professoras da educação infantil e fundamental e uma pessoa que fazia o curso por curiosidade sem vínculo formal com escolas.

### O esboço

O primeiro esboço do curso era entrar em contato com o que aquelas pessoas entendiam ou imaginavam sobre o ato de desenhar e sobre o desenho: o que o desenho representava no percurso de cada uma? O que é desenhar? O que é o desenho? Para que serve desenhar? Será que o desenho para elas só seria desenho quando próximo ao real? Será que pensavam que se podia pensar por imagens?

### A coleta

Com a intenção de trazer à consciência e de criar uma relação de

transparência e confiança no grupo, a primeira atividade proposta ao grupo foi que escrevessem em um grande papel as perguntas e o porque haviam escolhido fazer esse curso, que foram:

*Incentivar a produção dos alunos; melhorar a prática; materiais, técnicas, diversidade de conhecimentos; aprender um pouco mais sobre a prática na sala de aula; incluir todos (alunos), carências, sequências, resoluções; organização curricular; valorizar o desenho do aluno na escola; entrar em contato com esse maravilhoso jeito de se expressar que é o desenho; saber olhar para o desenho das crianças para fazer a intervenção; aprender a apreciar as obras de arte das crianças; estudar para apoiar o trabalho do professor que dá ênfase aos desenhos estereotipados; vim buscar ferramentas para construir com as crianças um percurso e/ou caminho para que avancem em suas pesquisas sobre o tema, elas pesquisarão o próprio desenho e eu a pesquisa delas; espero aprender um pouco mais sobre o que é o desenho e o que ele significa para a criança; descobrir novas técnicas para aplicar nos meus pequenos; escolher uns significa excluir outros (artistas); multiplicar; socializar conquistas e problemáticas; é importante saber as fases do desenho para fazer as intervenções?; como trabalhar o individual em um grupo grande de alunos na mesma sala?; hoje muito muito muito desenho nas aulas, base para todas as outras possibilidades artísticas???.; como ampliar as possibilidades gráficas de meus alunos?; o processo do desenho; aprendemos a desenhar?; intervir ou não no desenho da criança?; como dar referências sem prejudicar a espontaneidade da criança?*

Analisamos o quadro e percebemos que o foco de interesse estava voltado para a sala de aula tanto no que se referia ao desenvolvimento pessoal como para a construção coletiva de princípios, valores, objetivos, intenções e estratégias, e que foram dispostas em formas de perguntas trazidas pelo grupo.

Para começo de conversa também pedi que fizessem cada uma cinco pequenos desenhos com imagens que lhes fossem significativas e muito importantes. A abrangência dessa proposta simples foi tão forte que uma das alunas, uma professora do ensino infantil, desenhou quatro figuras e deixou uma vazia. Ao pedir que falasse da sua experiência em desenhar suas cinco figurinhas, explicou que não havia desenhado a quinta figura porque ela deveria representar Deus e que Deus era impossível de desenhar. Comentamos que o próprio espaço ali representado do *não desenho* era também a expressão imagética que ela encontrou para falar de Deus. Era o seu desenho pensamento, uma posição, um conceito, uma imagem sobre Deus.

### **Ver desenho**

A segunda ação foi apresentar o desenho através do tempo e do espaço para que as professoras pudessem perceber as diferentes concepções em cada época, e também de época para época, dependendo dos valores culturais de determinada sociedade ou do momento histórico específico. Assim puderam ver exemplos do desenho como forma, como meio de comunicação, o desenho como símbolo, como ícone. O desenho na poesia, o desenho como forma de observação, pesquisa e invenção. Como esboço. Como uma instalação no espaço. Como uma incisão, como marca do gesto. O desenho feito pela própria natureza que também deixa seu registro no tempo e no espaço. O desenho em diferentes superfícies como sobre a pedra, papel, tela, ferro, chumbo, no corpo e até no ar.

### **A história do ensino do desenho no Brasil**

Considerarei também que para essa formação seria importante que as alunas se informassem sobre como se desenvolveu o ensino de arte no Brasil. Conhecer a nossa história poderia ajudar na compreensão do porquê certos vícios estão cristalizados em nossas ações. Iniciamos o estudo a partir da vinda da Missão Artística Francesa para o Rio de Janeiro, trazida por D. João em 1816 e a criação da Academia Imperial de Belas Artes até nossos dias, visitando os momentos de abertura de pensamento e de práticas mais democráticas e aqueles repressivos vividos no Brasil nos dois duros períodos de ditadura.

Muitos estudiosos, pesquisadores, instituições, artistas e arte-educadores têm contribuído para o debate sobre o ensino da Arte. Entretanto, ainda há bastante distância entre a prática nas escolas públicas e particulares e o entendimento do que é ensinar e aprender Arte.

Analisamos e concluímos que os fatos com os quais entramos em contato por meio da história, mais a pouca importância dada a essa área na formação do professor ainda interfere negativamente no ensino da arte. As dificuldades são verdadeiras, como falta de material e de espaço físico em muitas escolas, mas, mais grave que estas, é a formação incipiente do docente e a não valorização da Arte como área básica para a formação dos nossos alunos e professores.

### **Desenhar se aprende?**

O próximo passo foi refletir se desenhar se aprende ou não. Para isso trouxe a seguinte questão: quando o professor se dispõe a ensinar seus alunos, qual é a representação que ele mesmo tem do que é desenhar?

Ao dizer “Estou só rabiscando” o professor não reconhece seu rabiscar como desenho. Na maioria das vezes a idéia que ele tem é que a imagem produzida tem que ser próxima ao real e quanto mais próxima ao real, melhor é o desenho. Não se

dá conta de que esse rabiscar espontâneo é uma ação que nos conecta a todos com o nosso imaginário. Mas se o professor não reconhece como desenhos seus próprios rabiscos, como irá orientar seus alunos?

Partimos para o enfrentamento do desenho versus o professor na prática. Ofereci às alunas carvão. Pedi a elas que fizessem um desenho de observação de insetos mortos. Tinham que observar como se fossem cientistas, que observassem o funcionamento e as partes das patas, asas e tudo o mais, todos os detalhes. Com esse olhar investigador levaram um enorme susto ao perceber que seus desenhos, para quem não sabia desenhar de jeito nenhum conforme mesmo disseram, era muito parecido com os insetos observados! O que aconteceu nesse processo de aprendizagem?

### **Ações que favorecem o ensino e o aprendizado do desenho**

Por meio desse susto pudemos conversar sobre os preconceitos e idéias que o grupo tinha sobre o tema do desenho, assim concluímos que existem ações e posturas investigativas que o professor ele mesmo pode buscar que o auxiliem a orientar seu aluno no aprendizado do desenho:

- ter contato com desenhos de artistas, em exposições nos museus, nas galerias, nas festas populares ou mesmo por meio da internet.
- deixar de lado os preconceitos que possa ter em relação à própria produção.
- retomar essa atividade tão prazerosa quanto pedagógica.
- vivenciar o processo de desenhar.
- compreender que observar e exercitar faz parte do aprendizado.
- investigar a própria concepção de desenho e de como desenha.
- ter clareza sobre o que conhece relativamente à história e ao ensino do desenho e como se desenvolve o desenho da criança e dos jovens.

O professor ao ter consciência do que sabe e do que não sabe é capaz de buscar sua formação de forma significativa e assim, desenhar e registrar seu próprio percurso de aprendiz.

### **O desenho da criança**

Passamos a olhar então o desenho da criança.

Vimos que o desenho é linguagem em que se aprende importantes relações cognitivas de modo livre e espontâneo. Ao desenhar a criança desenvolve a capacidade de fazer análises das formas e dos elementos do mundo,

transformando-os graficamente. Por meio dos grafismos, das cores e das formas criadas a criança cria uma comunicação entre ela e o mundo.

É na convivência com seus pares e com os adultos que a criança reconhece o desenho como um tipo de linguagem e passa a fazer uso dela como mais uma forma de comunicação. Esta linguagem a ajuda a integrar e estruturar suas invenções internas, emocionais, simbólicas e cognitivas na construção de si mesma e da própria cultura.

### **O desenho do artista e o desenho da criança.**

Mais uma vez trouxe uma questão para que as alunas refletissem: se desenhar se aprende, então, ao ensinar desenho, pretendemos formar artistas? Os processos de aprendizagem são semelhantes?

Ao aprender sobre os artistas e suas obras, ao apreciar obras de arte e a viver experiências artísticas, estas são ações que favorecem e ampliam a qualidade das relações que a criança possa estabelecer. Ao viver arte a criança amplia suas capacidades criativas, de pensamento e de ações com o mundo e no mundo.

A aprendizagem do artista, por sua vez, diferencia-se em alguns aspectos. Em primeiro lugar, ele decidiu ser artista – e podem ser inúmeros os seus motivos. Decidida a escolha, inicia-se o caminho que o levará a viver a arte e da arte.

Vimos que há semelhanças entre a criação do artista e aquela da criança, tanto o artista quanto a criança têm a curiosidade pelo novo e pela busca da compreensão das coisas. Tanto um quanto o outro procuram respostas, fazem suposições, sem muita preocupação com acertos e erros.

Em ambos, o pensamento poético permeia a prática, com a diferença de que o artista tem consciência deste poder criador e a criança age de forma espontânea.

Levei para essa aula livros de arte e livros de arte educação e criamos uma biblioteca ambulante que circularia até o final do curso.

### **As conversas**

Outro assunto muito importante que tratamos ao longo do curso foi a questão do diálogo entre professor, pares e o aluno.

Quando a criança não encontra um canal de comunicação com o professor e seus colegas para se expressar, pode acontecer de isolar-se em um mundo só dela, de tal modo que o mundo real não lhe interesse mais. Percebemos o quanto é necessário para o desenvolvimento da aprendizagem promover conversas sistemáticas na sala de aula sobre as produções realizadas. Essa prática, além de propiciar um momento saudável de comunicação, também tem a função de ampliar o vocabulário imagético do grupo.

### **O planejamento**

Chegou o momento de pensar com o grupo quais elementos que precisávamos levar em conta para fazer um bom planejamento para o ensino do desenho.

Para começar, propus nessa aula uma intervenção na sala com barbante e fita crepe. Cada uma delas deveria esticar uma ou mais linhas no espaço e colar com fita crepe cada ponta do barbante. Dessa maneira a sala foi ocupada por linhas, criando planos e espaços de transito completamente novos. Olharam a instalação criada e ao terminarem perceberam que podiam ousar naquele espaço sagrado, a sala de aula. Isso gerou uma satisfação no grupo.

Passamos a ver os conceitos de espaço e lugar explicados por Michel de Certeau e sobre a brincadeira, por Giles Brougère.

### **O lugar e o espaço**

Para Certeau um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem os elementos e que, ao determiná-los, é excluída a possibilidade de duas coisas ocuparem o mesmo lugar. No *lugar* impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto. Isso implica uma indicação de estabilidade.

O espaço para ele *existe sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável do tempo*. Considera que o espaço é o efeito produzido pela mobilidade e pelo cruzamento desses vetores e portanto o espaço não tem nem a estabilidade nem a *inivocidade* do *próprio*. Em resumo, para Michel de Certeau, *o espaço é um lugar praticado*. E exemplifica: *assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres*.

### **A brincadeira**

Para Brougère a brincadeira é algo indeterminado, *possui uma dimensão aleatória*. Tudo o que envolve a brincadeira é de tal complexidade que ela é *um espaço que não pode ser totalmente dominado de fora*.

Para ele a brincadeira dá a possibilidade de tentar e inventar *combinações de conduta* que em situações outras não seriam praticadas. Daí a brincadeira ser um espaço de *inovação, de criação para a criança*.

Adverte que pensar a brincadeira dessa forma *não se trata, de fazer ressurgir a criatividade romântica atribuída à infância*. Considera que a criança, nessa situação, *experimenta comportamentos novos para ela, criatividade relativa e não absoluta, mas essencial para a descoberta de suas competências*.

### **Como?**

Ao apresentar essa premissa de que a brincadeira traz em sua essência a imprevisibilidade, ficou compreendido pelo grupo a razão da escolha de usar estratégias lúdicas para o ensino do desenho. Nessa escolha está incluído o objetivo de desestruturar a ideia sedimentada sobre o desenho como algo que deve chegar a um resultado final estético determinado.

Então como faríamos o exercício de planejar?

Comecei com um exemplo:

- temos que ter claro que por se tratar de uma *brincadeira*, não sabemos quais resultados aparecerão. A estratégia deverá possibilitar resultados diversos.
- o assunto a ser trabalhado será a imaginação e a exploração do uso do lápis de cor no papel preto.
- como *lugar*, temos a folha branca, na qual os alunos irão desenhar, e a sala de aula, que serão transformadas em *espaço* ao se iniciar a atividade.
- como orientação ao aluno devemos acolher as diferenças, favorecer a criação, provocar a conversa individual. No grupo, por meio de perguntas e reflexões sobre a produção apresentada, mostrar referências de produções artísticas que tenham a ver com a proposta oferecida. Por fim, saber ouvir as crianças com atenção e não com pré conceitos.
- Não precisa fazer tudo de uma vez.

Estas etapas são ideias básicas iniciais que fundamentam o planejamento, assim como uma tigela que recebe os ingredientes para um bolo.

### **Os campos de trabalho do ensino de desenho no Ensino Fundamental: o que ensinar e quais os materiais necessários para as aulas**

Nessa aula conversamos sobre quais seriam os materiais possíveis para apresentar aos alunos em uma aula de desenho. Falamos também sobre os suportes, desde o mais comum, como o papel, aos mais inusitados, como a própria pele e o ar. Observamos que dependendo do objetivo da aula e de qual ferramenta os alunos irão usar, o professor pode oferecer um ou mais suportes.

Chegamos enfim aos campos de trabalho, a observação, a imaginação, a memória e as experimentações. Assim sendo, passamos ao estudo de cada um desses campos.



## **A observação**

A observação visual é uma competência que pode ser bastante desenvolvida por meio dos exercícios. Convidar a observar e olhar com cuidado, meticulosamente, ver as partes, ver o todo, ver em cima, ver embaixo, dentro, fora são estratégias que atendem à curiosidade que os alunos têm acerca de tudo. Ao serem incentivados por meio de atividades de desenho que os façam observar o real, o imaginário e todas as coisas, eles encontram um caminho de aprendizado para o qual se sentirão amplamente motivados.

Ao tomarmos uma das definições de observar encontradas no dicionário: acompanhar com os olhos atentamente, ela já nos dá o primeiro sinal do que é um desenho de observação. Este estado atento desenvolve no observador tanto sua capacidade de ver os detalhes como a de captar todo o espaço em que o objeto observado se encontra e perceber as relações espaciais que ocorrem. A transposição desse estado de atenção máxima para a ação de desenhar se realiza ao transferir para o suporte seja ele qual for, através do instrumento – o lápis, o dedo, o pincel, etc. - o conjunto de percepções que se observou no foco de atenção escolhido. Nem sempre o resultado é a cópia fiel daquele objeto, mas se o autor do desenho olhar bem, vai reconhecer cada passo do caminho percorrido pelo olhar no momento em que desenhava. Como já nos ensinava Paul Klee, pintor e desenhista suíço, em 1920: *A arte não reproduz o visível, mas torna visível.*

Nesses exercícios o que importa é o desenvolvimento da observação e o registro deste percurso, seja qual for o resultado. Para a criança e mesmo para o adulto é aconselhável tornar esse tipo de exercício uma brincadeira de aprender, "aprender a olhar" com olhos de lince, de águia ou de um explorador pisando a primeira vez em uma floresta desconhecida.

Para compreender na prática do que estávamos falando preparei uma mesa com materiais e suportes diversos bem convidativa e outra mesa com objetos que dessem muita vontade de observar, como um bule antigo, penas, conchas, pedras, uma pequena boneca e outros. Propus que escolhessem um objeto ou mais e que fizessem um desenho de observação tentando aplicar o que havíamos acabado de conversar. Novamente, surpreenderam-se com os resultados.

## **A imaginação**

Levantamos no grupo o que cada um entendia por imaginação: *pensar, planejar o que ainda não existe, vislumbrar possibilidades, passar um filme na cabeça como na tela de um cinema, sonhar, construir algo, inventar, criar.* A imaginação é nossa capacidade de criar imagens, ideias e rearranjá-las, de imaginar. Quantas vezes as crianças, sozinhas ou em dupla, inventam e imaginam

batalhas entre naves e transformam aquele desenho em um jogo com personagens e objetos imaginados!

A importância e o objetivo de desenvolver a imaginação estão no fato de que o mundo atual é bombardeado por imagens criadas com intenções específicas: para vender um produto, para fazer campanhas, para ilustrar um novo modo de se vestir etc. As imagens criadas para atingir a coletividade ganharam tal espaço dentro da cultura, com as facilidades tecnológicas de reprodução, que imaginar algo próprio, do seu imaginário, torna-se tarefa difícil e empobrecida, como se não houvesse mais o que inventar. Em seu livro *A câmara clara*, Roland Barthes, escritor e filósofo francês, nos chama a atenção para isso:

*Diante dos clientes de um café, alguém me disse justamente: “Olhe como são apagados; hoje em dia, as imagens são mais vivas que as pessoas”. Uma das marcas do nosso mundo talvez seja essa inversão: vivemos segundo um imaginário generalizado. (BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Trad. Julio Castañon Guimarães. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p. 173.)*

Criar oportunidades de exercícios da imaginação por meio do desenho ajuda os alunos a elaborar emocionalmente essa enxurrada de imagens com as quais têm contato todos os dias, como também os auxilia a compreendê-las e questioná-las de forma compatível com os pensamentos e linguagem expressiva próprias de sua idade.

### **Exercícios de experimentação**

Estamos bastante acostumados com determinados hábitos na vida, e a rotina é uma forma de organização que o ser humano cria para assentar suas raízes culturais. A organização auxilia o nosso dia a dia e nos faz sentir mais seguros e estruturados perante a vida. Olhando sob outro ponto de vista, a rotina também pode estagnar nossas curiosidades se a transformarmos em repetição sem sentido, sem significado, automatizada.

Uma das razões para a estagnação dos hábitos em detrimento da sua organização estruturante é a pouca abertura que se dá para novas explorações. Isso também acontece na educação. As possibilidades de relação entre os conteúdos a serem aprendidos se mantêm estáticas, caso não haja o questionamento ou o contato com novas experiências. Exercícios de experimentação em arte oferecem ao aluno a oportunidade de criar uma relação de aprendizagem sem mediação do professor. Podem ser momentos muito ricos, pois trazem a possibilidade de descobertas mais originais.

Para esse tipo de atividade uma boa estratégia é a oficina de percurso. Ela consiste em uma aula em que são oferecidos materiais diversos dispostos de maneira bastante convidativa, como se fosse a mesa de um banquete. Os alunos escolhem o que vão fazer e quais materiais irão usar. Tem o nome de oficina de percurso porque é o próprio aluno quem decide suas ações, dentro de um tempo e com materiais determinados. Esta deve ser uma atividade constante ao longo do ano, pois pede uma "rotina de inventar", ou seja, criar o hábito da criação, e para isso o aluno precisa exercitar-se com continuidade e frequência.

### **Exercícios de memória**

As imagens vão se acumulando no cérebro e as processamos de diferentes maneiras. Vamos, por assim dizer, formando um banco de memória de imagens, sejam elas criadas pela mente ou captadas pela visão. O desenvolvimento da memória visual por meio do desenho ajuda não só a guardar as imagens dos objetos separadamente, como também a memorizar a sua inserção no espaço.

Por exemplo: pode-se muito bem lembrar a escova de dentes que se usa todos os dias, mas às vezes é um processo tão automático que não se sabe bem como ela é nem como é exatamente o lugar onde a guardamos. Uma criança que fica jogando um *game* no computador está tão concentrada naquelas imagens que se movimentam na tela que pode perder a consciência de que, por exemplo está sentada em uma cadeira, na sala e que o computador se encontra sobre a mesa ao lado do sofá.

Rememorar o espaço onde brinca – e lembremos que espaço só existe quando há relação entre os elementos envolvidos – por meio de exercícios de desenho ajuda a criança a posicionar-se com mais propriedade e equilíbrio nesse mesmo espaço. O exercício de *lembrar*, dos objetos, das pessoas, dos encontros e desencontros e das próprias imagens que nos rodeiam incessantemente auxilia a significar e tornar consciente nossas ações diárias.

Conforme as imagens vão sendo acumuladas no cérebro, vão se criando desenhos de diferentes aspectos, coloridos, em branco e preto, lineares, com formas definidas e outras vezes indefinidas. Esse arsenal armazenado em cada pessoa é o conhecimento do mundo aprendido e são desenhos, desenhos dentro da cabeça. Aprender a transportá-los de volta para o papel ou para qualquer outra superfície é tarefa que pode ser exercitada.

### **Finalizando o curso**

Para finalizar o curso agi sobre tres focos: visita a um ateliê de artista, criação de um planejamento e uma exposição de final de curso. No ateliê as alunas entraram em contato com a produção da artista, puderam ver seus cadernos de

desenho e experimentar trabalhar com materiais diferentes e passar um dia dedicado à experiência artística. Esse espaço de tempo ampliado deu a elas uma consistência mais aprofundada do que pode ser o processo de criação.

Para a elaboração do planejamento dividimos o grupo em dois, um para a educação infantil e outro para o ensino fundamental I. Foi uma boa estratégia pois puderam colocar em prática o que havíamos estudado. Deu tempo também para que algumas delas aplicassem esse planejamento com seus alunos e trouxessem o relato e a produção do que havia ocorrido em suas escolas. Parte dessa produção foi apresentada na exposição final.

Com a ideia de que para ensinar desenho é preciso conhecer e viver o processo, saber-se também desenhista, propus a montagem de uma exposição. Nela foram expostos os trabalhos e exercícios de desenho desenvolvidos durante as aulas mais os depoimentos sobre o significado do desenho para elas ao final do curso. Também fizeram parte dessa exposição os desenhos dos alunos do G2, quatro a cinco anos, apresentando uma das atividades do curso aplicada em sua sala de aula por uma professora, completando desta forma o ciclo de aprendizagem.

A montagem da exposição também foi pensada e executada pelo grupo como mais um conteúdo colocado em prática. Como foco de avaliação do curso responderam a um questionário reflexivo sobre quais de suas práticas foram transformadas por meio daquilo que estudamos, quais delas que não e com quais novas perguntas saíam desse encontro.

Foi no contato entre seu próprio desenho e o desenho do outro, mais as informações históricas e da história da arte e, juntando a isso, as questões do campo das emoções, das relações humanas, do espaço, sobre a arte, sobre a vida, trazidas pelo grupo e pelos textos dos autores apresentados que construímos um processo de pensar formas de ensinar desenho: para nos formarmos como grupo e para aprendermos a aprender e ensinar desenho para as crianças e para adultos.

## **Bibliografia**

BARBOSA, Ana Mae. Organizadora. *História da arte-educação. A experiência de Brasília – I simpósio internacional de história da arte-educação – ECA- USP*. São Paulo: Max Limonad Ltda, 1986.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Trad. Julio Castañon Guimarães. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

BROUGÈRE, Giles. *Brinquedo e Cultura*. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 2001.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano - Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHIPP, Hershel B.; SELZ, Peter; TAYLOR, Joshua C. *Teorias da arte moderna*. Trad. Waltensir Dutra et al. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DERDYK, Edith. *Formas de Pensar o Desenho, desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.

DOLTO, Françoise. *Tout est langage*. Paris: Gallimard, 2008.

FLÜSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Trad. Vilém Flüsser. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HOUAISS, A. (Org.) *Novo dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Direção de A. Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

IABELBERG, Rosa. *O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores*. Porto Alegre: Zouk, 2006.

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MAZZAMATI, Suca. *Ensino de desenho nos anos iniciais do ensino fundamental: reflexões e propostas metodológicas*. São Paulo: Edições SM, 2012. Em fase de publicação. Aprovado no PNBE 2013.

MOREIRA, Ana Angélica A. *O espaço do desenho: a educação do educador*. 14ª edição. São Paulo: Ed. Loyola, 2010

PERRENOUD, Philippe. Léopold Paquay, Marguerite Altet, Évelyne Charlier. Organizadores. *Formando professores profissionais, quais estratégias? Quais competências?* Tradução Fátima Murad e Eunice Gruman. 2ª Ed. Rev. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da Criação, construção da obra de arte*. Vinhedo, SP: Horizonte, 2006

SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. As tendências pedagógicas e o ensino aprendizagem da arte. *Arte na Escola. Pesquise! Artigos*. [s. d.] Disponível em: <[www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=23](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=23)> Acesso em: 8 out. 2011.